



A INFÂNCIA EM FOCO:

proposta de uma nova escola
na comunidade Frei Damião

A INFÂNCIA EM FOCO:

proposta de uma nova escola na
comunidade Frei Damiano



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO

ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LUIZA LOBATO KINAST

ORIENTADOR: PROF. DR. EDUARDO WESTPHAL

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2022

Sumário

01
INTRODUÇÃO

02
EDUCAÇÃO E
EXCLUSÃO SOCIAL

03
O LUGAR:
FREI DAMIÃO

04
EXPERIÊNCIAS E
PERCEPÇÕES

05
O PROJETO

Apresentação e justificativa

A educação sempre esteve presente em minha vida, cresci em uma família onde grande parte das mulheres eram professoras e sempre acompanhei os planejamentos, dia-a-dia e dificuldades de suas profissões. Quando criança desejava ser uma assim como elas, mas com o tempo meu caminho se cruzou com o da arquitetura e por aqui ficou. Esse trabalho de conclusão de curso, dessa forma, conseguiu unir meu sonho de criança e minha futura profissão, tendo como tema a **educação**.

Para além do âmbito familiar, durante minha infância estudei em colégios com metodologias não tradicionais que me marcaram profundamente. Lembro até hoje com muito carinho de todos os meus professores da educação infantil e de momentos vividos dentro da escola, seu espaço físico com seu grande pátio, muita liberdade para criar, brincar e *ser criança*, sem deixar em momento algum de aprender. Desde então, sempre imagino como seria se todos tivessem tido a mesma oportunidade que eu e valorizo cada vez mais os professores que exercem suas profissões com excelência, mesmo em situações pouco favoráveis.

Nesse contexto, busco compreender as relações das escolas tradicionais com as crianças e as comunidades em que estão inseridas e o porquê dessas

muitas vezes sobreporem o currículo ao planejamento, à arquitetura e à vivência infantil. Na rede pública, principalmente, percebemos espaços limitados ao ensino formal em decorrência da insuficiência de recursos e da carência de equipamentos que auxiliem na manutenção das crianças na escola e na relação familiar dentro da mesma. Ainda assim, sabemos que os professores - e a escola - deixam marcas, em cada estudante ali inserido, o que nos faz refletir sobre a relevância disso.

Sabe-se que a educação abre inúmeras portas para a sociedade, enquanto a sua falta priva muitos cidadãos, principalmente os mais carentes, de seus direitos mais básicos. Assim, sinto necessidade de fazer o possível para mudar a realidade mesmo que de uma pequena parcela da população, gerando oportunidades, principalmente para a geração mais nova que ainda tem toda uma vida pela frente, assim como cita o artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Dessa forma, este trabalho propõe maneiras de contornar os problemas citados acima de forma multidisciplinar, usando como embasamento pesquisas feitas no último ano e experiências pessoais, tendo como produto final, além deste caderno, um projeto arquitetônico de caráter educacional e comunitário na comunidade Frei Damião, no município de Palhoça, com o objetivo de resgatar a infância e auxiliar no desenvolvimento sócio-cognitivo das crianças que lá vivem. A escolha da área de estudo se deu por uma relação com uma instituição presente na região, o Projeto Dorcas, organização sem fins lucrativos, no qual fui voluntária no ano de 2021.



FIGURA 01

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade à convivência familiar e comunitária.”

À margem da educação

Educar é uma das atividades mais elementares do mundo. Desde sempre se tem registros das mais diferentes formas de ensinar. Nas cidades-estados gregas, no entanto, foi quando se iniciou o conceito de escola como uma fonte de “tempo livre” - para estudar - tradução da palavra grega skholé (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017). Apesar das inúmeras ameaças à sua existência e seus muitos altos e baixos ao longo dos séculos, a escola perdurou até a atualidade como uma das mais eficazes formas de inclusão social.

“a escola (...) portanto, tem o potencial para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo.” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p.5)

As ameaças contra a escola, apesar de não terem êxito em sua extinção, trouxeram inúmeras problemáticas quase que inevitáveis, principalmente quando analisamos a educação de pessoas marginalizadas da sociedade. Atualmente, apesar do Estatuto da Criança e do Ado-

lescente (ECA) no capítulo IV, artigo 54º, assegurar que o ensino fundamental é obrigatório e deve ser ofertado pelo estado de maneira gratuita, esse muitas vezes não é adaptado de acordo com as particularidades de cada comunidade e ambiente nos quais as escolas estão inseridas, além de seguir um padrão educacional que pode se considerar ultrapassado.

“Quando voluntariamente regressei à escola (1986), (...), descobri angustiadamente que quase tudo nela permanecia velho e anacrônico e nada, no essencial, mudara, a não ser o número dos oprimidos e dos deprimidos” (ALVES, 2001, p16)

Os métodos de educação tradicional das escolas públicas brasileiras, somado à alta rotatividade de professores nos contextos mais precários e os currículos engessados que mais se aproximam a uma espécie de adestramento cognitivo (ALVES, 2001), fazem com que as crianças não se identifiquem com o que estão aprendendo e percam o interesse pela educação, sendo colocadas, cada vez mais, à margem da sociedade. Fato que ainda é agravado pela necessidade de muitos desses estudantes auxiliar suas famílias na garantia de sustento.

Ao meu ver, se faz necessário levar em consideração a individualidade de cada criança e suas famílias, seus costumes e rotinas que variam grandemente de acordo com a comunidade onde vivem, além de acolher os interesses e escolhas de cada um. A limitação e inflexibilidade presente nas escolas tradicionais geram sentimentos de repulsa pelo ambiente escolar, pela aprendizagem e pelo relacionamento com colegas em estudantes que, com o tempo, acabam evadindo da escola e interrompendo seus estudos.



FIGURA 02



FIGURA 03

Fatores externos e educação

Para além dos problemas intrínsecos à educação, nas comunidades carentes de todo Brasil muitos dias são como guerras, com tiroteios, medo e insegurança. O mecanismo de defesa inconsciente, segundo a pedagoga Yvonne Bezerra de Mello, fundadora da pedagogia Uerê (APRENDENDO A APRENDER, 2019), é apagar a memória, fato que dificulta grandemente o aprendizado e as conexões neurais das crianças que vivem nesses locais. Educar essas crianças, portanto, é um processo bastante complexo, que envolve as mais diversas áreas do conhecimento e depende de processos lentos e graduais quase que impossíveis de serem realizados no atual modelo de escola pública brasileira.

Nessas escolas, é frequente a presença de alunos que, com 10 anos de idade, não conseguem repetir uma frase, lembrar de um assunto comentado minutos antes ou ler e escrever. O que há em comum entre esses alunos são traumas emocionais, resultantes de exposição a conflitos constantes.

Se já não bastassem os efeitos desastrosos que a violência causa circunstancialmente, ela ainda pode causar traumas emocionais que podem “interromper o crescimento e o desenvolvimento físico e mental” (MELLO, 2010, p.28) dessas crianças, o que pode repercutir para o resto de suas vidas a começar por seu fracasso escolar e, mais adiante, o fracasso na sua inserção social. (BARCELLOS, 2011, p. 1).

Além da educação escolar, o aprendizado que acontece dentro de casa também é altamente influenciado pela realidade socioeconômica da família. Muitas

vezes, por falta de instrução, as crianças das comunidades carentes são negligenciadas pelos pais e familiares, não tendo assim o suporte necessário para sanar suas dúvidas e realizar suas atividades escolares. Ademais, muitas são, desde cedo, obrigadas a trabalhar, mesmo que ilegal e informalmente, para auxiliar nas despesas de casa ou mesmo ajudar a criar os irmãos mais novos.

Na comunidade Frei Damião, área de estudo do presente trabalho, a realidade não é diferente. Apesar da violência não ser tão extrema quanto em comunidades do Rio de Janeiro, local de estudo da pedagoga, por exemplo, outros fatores ocasionam os traumas infantis e prejudicam seu desenvolvimento físico e mental.



FIGURA 04



FIGURA 05

“[...] JÁ NÃO BASTASSEM OS EFEITOS DESASTROSOS QUE A VIOLÊNCIA CAUSA CIRCUNSTANCIALMENTE, ELA AINDA PODE CAUSAR TRAUMAS EMOCIONAIS [...]”

(BARCELLOS, 2011, p.1)

Área de intervenção

Localizada na Região Metropolitana de Florianópolis (RMF), a área que hoje compreende a comunidade Frei Damião era, até o ano 2000, pertencente à cidade de São José. Foi só nesse ano que por meio da lei estadual nº11.340 de 08/01/2000 que a agregação ao município de Palhoça se deu (MONTESUMA, 2011). Localizado no bairro Brejarú, isolado do entorno por condicionantes geográficos como o Rio Imaruí - na divisa com São José - e uma vala nos limites com Jardim Eldorado e Pedra Branca, é uma comunidade com dinâmicas à parte do bairro e seus adjacentes: Sertão do Imaruim, Pedra Branca, Jardim Eldorado, Passa Vinte, Ponte do Imaruim, Pagani e Centro.



FIGURA 06

O início da ocupação da comunidade se deu nos anos 1990 com famílias oriundas do interior vindo para o entorno da capital em busca de melhores condições de vida e emprego. Anteriormente o terreno onde se estabeleceu a comunidade era uma grande área de inundação, pouco valorizada, desocupada e em parte de posse da COHAB/SC, em parte de posse privada e em parte de posse da prefeitura de Palhoça.

Durante o processo de expansão da RMF, e principalmente da cidade de Palhoça, os investimentos públicos, equipamentos e serviços voltados ao desenvolvimento de seus bairros foram direcionados àqueles com populações de mais alta renda. Em paralelo, a Frei Damião desenvolveu-se em condição de total ausência do Estado (CORRÊA, 2015). Segregado dos demais, foi impedido de crescer, restando aos - anteriormente - poucos moradores, parcelar os próprios lotes e construir casas cada vez menores e mais precárias a fim de permitir novos moradores.

Hoje, cerca de 4600 famílias vivem na região com rendas abaixo de um salário mínimo. A expectativa de vir para próximo da capital em busca de melhores condições de vida foi frustrada, sendo que o que se percebe atualmente é a luta pela sobrevivência em condições de extrema pobreza. Pobreza essa que nega aos moradores muitos de seus direitos mais básicos, como tratamento de esgoto, transporte público e, principalmente, a educação.



FIGURA 07

A realidade socioeconômica

A segregação torna-se mais clara ao compararmos os equipamentos públicos dos bairros adjacentes com os equipamentos ali existentes. A comunidade Frei Damião apresenta apenas uma Unidade Básica de Saúde (UBS), uma escola e uma creche, as quais não comportam todas as crianças que vivem ali, além disso, grande parte de suas ruas não são pavimentadas, dificultando a mobilidade intra-comunidade. Nos demais bairros, por sua vez, existem escolas públicas e privadas, creches e postos de saúde - suficientes para os moradores - e ruas asfaltadas.

Além disso, os moradores que ali vivem, mesmo que não trabalhem diretamente com a reciclagem, convivem diariamente com os resíduos sólidos - ao passar pelas ruas com as carroças estacionadas, pelos galpões que prensam os recicláveis, ou até mesmo pelas casas com pilhas de materiais amontoados no quintal - sendo que estes fazem parte da paisagem urbana da comunidade. Em resumo, por todo lado que se olhe, se vê resíduos. Uma realidade claramente insalubre e inadequada, completamente distinta dos bairros adjacentes.

Segundo Lins (2017), a maior fonte de renda dos moradores vem diretamente da coleta de resíduos e a grande maioria desses é separado e armazenado nas próprias residências, haja vista as grandes distâncias a serem percorridas de suas casas até os galpões de reciclagem ou até mesmo em decorrência dos furtos ocorridos no caminho. Ademais, no ano de 2011, pelo menos 20% da população da comunidade estava em situação de trabalho informal, sendo que as atividades desenvolvidas são, no geral, de baixa qualificação (CORRÊA, 2015).

É notável que a precariedade da comunidade vai

muito além da falta de infraestrutura urbana; é um problema social. Parte desses trabalhadores, além de outros moradores desempregados, são analfabetos, somando 5,31% da população, taxa mais alta que a de Santa Catarina em 2010, que é de 4,1% (IBGE, Censo Demográfico 2010/2011 APUD CORRÊA, 2015 p.65). Esse fator, além de tantos outros, dificulta o aprendizado das novas gerações e os coloca ainda mais à margem da sociedade.

Sabendo que a educação é uma atividade multidisciplinar e que está relacionada com os mais diversos estímulos recebidos, fica claro que as crianças e adolescentes que crescem e se desenvolvem na comunidade ficam em defasagem quando comparados com bairros melhor estruturados. Analisando a lógica de educação tradicional que se baseia fortemente nos deveres de casa, nos quais as crianças geralmente são auxiliadas por seus pais e familiares, grande parte do desenvolvimento cognitivo se faz em casa. Dessa forma, com a alta taxa de analfabetismo na comunidade muitas dessas crianças ficam com seus desenvolvimentos prejudicados. Por consequência, pouco serviriam os melhores e mais bem preparados professores para essas crianças, visto que as dinâmicas escolares e suas realidades familiares impedem que seus desenvolvimentos sejam plenos.

Os estímulos citados acima também vêm do ambiente em que as crianças e adolescentes vivem, o que eles assistem e de suas dinâmicas familiares. Assim, a fim de melhorar a realidade socioeconômica da comunidade, se fazem necessárias interferências no que é de alcance público, como melhorias na qualidade urbana, mudanças nos métodos pedagógicos e melhores condições de trabalho, principalmente aos catadores que, como citado anteriormente, fazem parte da comunidade.



FIGURA 08



FIGURA 09



FIGURA 10

O voluntariado

A ideia do tema surgiu juntamente com o início da minha participação como voluntária no Projeto Dorcas, organização sem fins lucrativos financiada por doações que auxilia crianças em situação de risco na comunidade Frei Damião com reforço escolar, alimentação e atividades físicas. Desde então, a vontade de mudar a realidade - quase que imposta - das crianças de lá foi o que me motivou a desenvolver este trabalho. Segundo o projeto, o acolhimento, o carinho e a escuta são a base para transformar essas pequenas vidas que em poucos anos já passaram por tanto, e, na minha percepção, isso é completamente verdade. Apesar de tudo que falta na vida dessas crianças, quando lhes damos atenção e amor, somos retribuídos com muito afeto e gratidão em forma de gestos e palavras.

Durante o período de voluntariado alguns relatos dos meus alunos me fizeram ter clareza do que realmente é importante para o desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças. Vale ressaltar que eles, apesar de fazerem parte da mesma turma, tinham idades que variavam de 8 a 10 anos, pela grande dificuldade de compreensão, aprendizado e concentração que muitos apresentavam, tornando ainda mais difícil o nivelamento da turma e a boa relação entre eles, sendo comum brigas, desrespeito e bullying. Além da clara desmotivação das crianças mais velhas em estudar na mesma sala de crianças - na perspectiva deles - tão mais novas.

Dentre os relatos, um dos que mais me chamou atenção foi o de Danilo (nome fictício), que, apesar de ser um menino com bastante facilidade durante as aulas, que sabia ler e escrever sem grandes dificuldades, me contou certo dia que havia tirado 2 na prova da escola. Questionei o motivo e perguntei se ele havia estudado em casa e ele disse que sim, mas com a avó dele (já que o pai trabalhava fora e a mãe é usuária de drogas e estava presa), que é analfabeta e por esse motivo não conseguiu compreender a matéria da melhor forma e o auxiliou nos estudos de maneira

equivocada, motivo pelo qual ele havia tirado uma nota tão baixa.

Além desse, o pedido de uma menina, também muito inteligente, me fez repensar sobre a falta de oportunidades dessas crianças. Bruna (nome fictício), é uma das únicas crianças do projeto que estuda em um colégio privado, não sei se por meio de bolsa de estudo ou não, mas certo dia me pediu para ficar até depois da aula na sala para copiar a tabuada que tem pregada na parede para assim poder estudar para a sua prova, já que sua família não tinha condições de imprimir uma folha com a mesma já pronta.

Por último, relatos de falta de alimento, privação de sono, brigas e conflitos dentro de casa também eram bem frequentes. Muitos dividiam a casa com mais de 10 membros da família, tendo que dormir no mesmo quarto que os pais, primos e irmãos e presenciar situações que criança alguma deveria presenciar. A realidade deles é incomparável a de qualquer um que não viva nas mesmas condições, afetando os aspectos mais simples do cotidiano.

O voluntariado na comunidade me fez refletir muito sobre as condições das favelas brasileiras, muito do que eu percebia como banal em minha vida para eles é de extrema importância. Já era muito claro, mas tornou-se nítido para mim que quase todos os moradores que se encontram na situação de extrema pobreza pouco podem fazer para sair da mesma, sem o auxílio governamental e políticas públicas para diminuir a desigualdade social, fica muito difícil fazer com que as crianças que ali crescem hoje tenham oportunidades e sejam incluídas, no futuro, em todos os campos em que a vida em sociedade ofereceria - como mercado de trabalho, convivência social - da mesma forma que crianças de comunidades abastadas. A meritocracia, de fato, não pode existir enquanto muitos não têm as mínimas condições de desenvolvimento

Percepções pessoais

Apesar de ter trazido apenas alguns relatos, com o tempo que passei com a comunidade pude perceber as maiores dificuldades das crianças com as quais trabalhei diretamente e concluir que com pequenas mudanças podemos fazer enormes diferenças. Atuando em pequenas frentes como educação, requalificação urbana com melhorias pontuais nos equipamentos da comunidade como um todo, e melhorias das condições de trabalho dos pais e familiares envolvidos com a reciclagem, é possível estabelecer uma harmonia comunitária que, com o tempo, trará benefícios incalculáveis para a população local.

Primeiramente, na educação, vejo grande necessidade de uma escola com turmas sem uma série definida, para que mesmo uma criança com mais dificuldade de aprendizado possa permanecer estudando com seus colegas de origem, da mesma faixa etária, uma educação mais fluida, sem necessidade de provas para medir conhecimento e que valorize o ser criança, com brincadeiras e aprendizado mais lúdico, porém com regras claras e estabelecidas. No caso de crianças com maiores dificuldades, onde todas as possibilidades de auxílio em sala de aula já se esgotaram, entraria o reforço escolar, com maior atenção individual para auxiliar em seu desenvolvimento e aprendizado.

Em segundo lugar, tendo em vista que hoje a maioria das crianças andam pelo bairro a pé ou de bicicleta, chegando cansadas e empoeiradas em seus destinos, vejo necessidade em pontuais melhorias nos equipamentos e ruas do bairro. Acredito que com a pavimentação de algumas ruas, - que atualmente são, em grande maioria, de terra - plantação de árvores para gerar sombras e espaços de descanso e melhoria de sinalização, os trajetos feitos pelas crianças dentro do bairro se tornariam mais seguros e menos cansativos, demandando menor energia física para o deslocamento de suas casas até a escola e vice-versa, economizando a mesma para as atividades escolares ou de lazer.

Por último, acredito que com melhorias nas condições de trabalho dos carroceiros do bairro, muitos dos problemas relacionados à qualidade urbana do bairro seriam solucionados, tendo em vista a retirada dos resíduos dos quintais das casas e dos terrenos abandonados. Além disso, com melhores condições de trabalho e consequente melhoria da qualidade de vida, há a chance de maior envolvimento com a educação das crianças e com as atividades comunitárias.

A pedagogia ideal

Acredito que junto do desenvolvimento de um projeto, principalmente de caráter educacional, se faz necessário descobrir a forma com que esse espaço irá ser ocupado pelos usuários, suas especificidades, necessidades e possíveis arranjos espaciais para melhor funcionamento. Assim, pesquisei as mais diferentes pedagogias aplicadas hoje nas escolas ao redor do mundo e suas características físicas que as diferem umas das outras com o objetivo de encontrar a mais próxima do ideal para a realidade da comunidade Frei Damião.

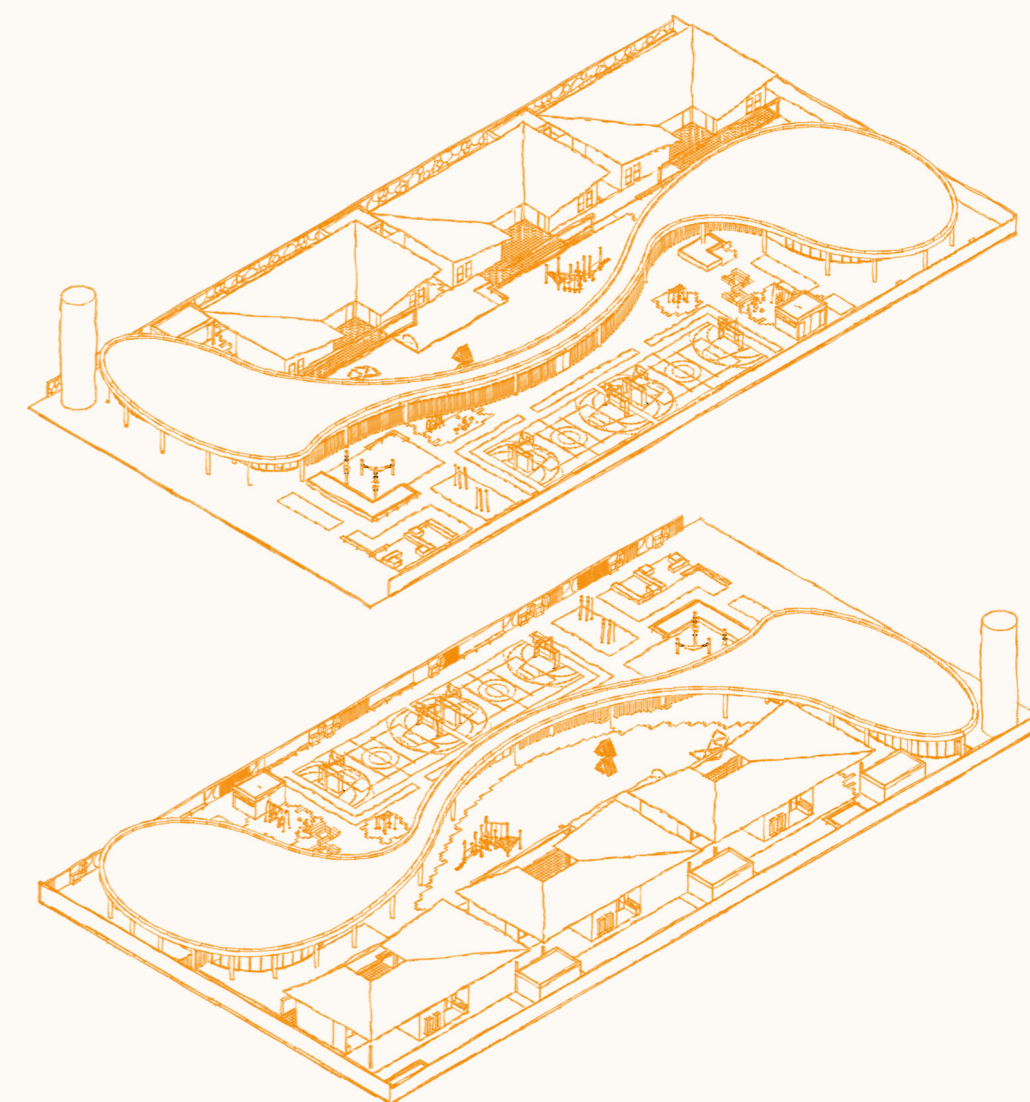
Nessa busca encontrei a Escola da Ponte, fundada por José Pacheco em 1976 após quase desistir da profissão por achar que o método de ensino tradicional negava a muitos estudantes a educação. Para além das motivações de seu fundador, que coincidentemente são muito similares às minhas, me identifiquei com o projeto pedagógico por apresentar características interessantes que se encaixam com as deficiências que analisei na comunidade de estudo.

Assim como buscava, na Ponte os alunos não são divididos em turmas ou anos escolares, mas sim em núcleos (de iniciação, consolidação e aprofundamento) de onde saem grupos dinâmicos e heterogêneos formados a partir de interesses em comum, podendo ter crianças das mais variadas idades dentro de cada um. Além disso, os temas e as formas de estudo também são definidos pelas crianças, permitindo o desenvolvimento de sua autonomia.

Com essa pedagogia acredito ser possível restabelecer o interesse das crianças pela sala de aula, visto que assim elas poderão continuar seus estudos junto de seus colegas. Além disso, a arquitetura dessas escolas é de planta aberta, ou seja, sem muitas paredes, permitindo uma grande permeabilidade visual entre os ambientes e também uma grande permeabilidade física, tendo por consequência uma maior fluidez entre os espaços, sendo essa

adaptável a partir de aberturas e fechamentos previstos em projeto.

Por fim, alguns dispositivos pedagógicos utilizados lá se fazem necessários trazer a este trabalho a fim de justificar escolhas feitas no projeto arquitetônico. Uma delas é a assembleia, que ocorre com todos os alunos da escola uma vez por semana. Outro é a biblioteca, que deve ser acessível a todos os alunos visto que muitas das pesquisas são feitas com os recursos disponíveis lá. Além do uso de murais em todos os ambientes para os mais diversos fins, como fixação de trabalhos, recados, informações, etc. Assim, é indispensável prever os possíveis movimentos que esses dispositivos podem vir a gerar nos espaços, a fim de manter uma ordem, mesmo que livre, na planta aberta.



Aplicação na comunidade

Tendo como grande diretriz a realização de um projeto térreo a fim de garantir uma grande permeabilidade visual de todo espaço e reduzir ao máximo o contraste em altura com as demais edificações da comunidade, busquei um terreno amplo e livre no qual houvesse mínima necessidade de desapropriação. O terreno escolhido então, possui 6000m² de área e apenas uma residência, que será realocada para o terreno ao lado.



FIGURA 11

A partir da escolha do terreno, a proposta de projeto tem como foco desenvolver uma escola para atender a faixa etária correspondente ao ensino fundamental I e II, de 6 a 14 anos, e um restaurante para atender a demanda escolar e comunitária. Fazendo uso de uma grande cobertura como elemento de ligação entre as extremidades do terreno e tendo a vegetação térrea como um elemento unificador dos

ambientes internos e externos do projeto, cria-se também um parque que varia entre público e privado e que abriga elementos de lazer para os moradores da comunidade.

A escola conta com três blocos educacionais, que tem capacidade de atender 180 crianças no total, um bloco administrativo, uma biblioteca e um restaurante, que se relacionam diretamente com o parque proposto. Os materiais escolhidos para compor o projeto foram concreto, na grande cobertura e nos pisos das áreas internas, tijolos de solocimento aparentes e rebocados nos fechamentos opacos do ambiente, e madeira, na estrutura do telhado das salas de aula e em todas as esquadrias.

1 - Bloco administrativo e biblioteca:

Tanto o bloco administrativo quanto a biblioteca foram posicionados na fachada frontal do terreno, funcionando como recepção e área de controle de acesso da escola. As divisórias em sua maioria de vidro permitem uma grande permeabilidade visual e união entre os espaços internos e externos.

2 - Blocos educacionais:

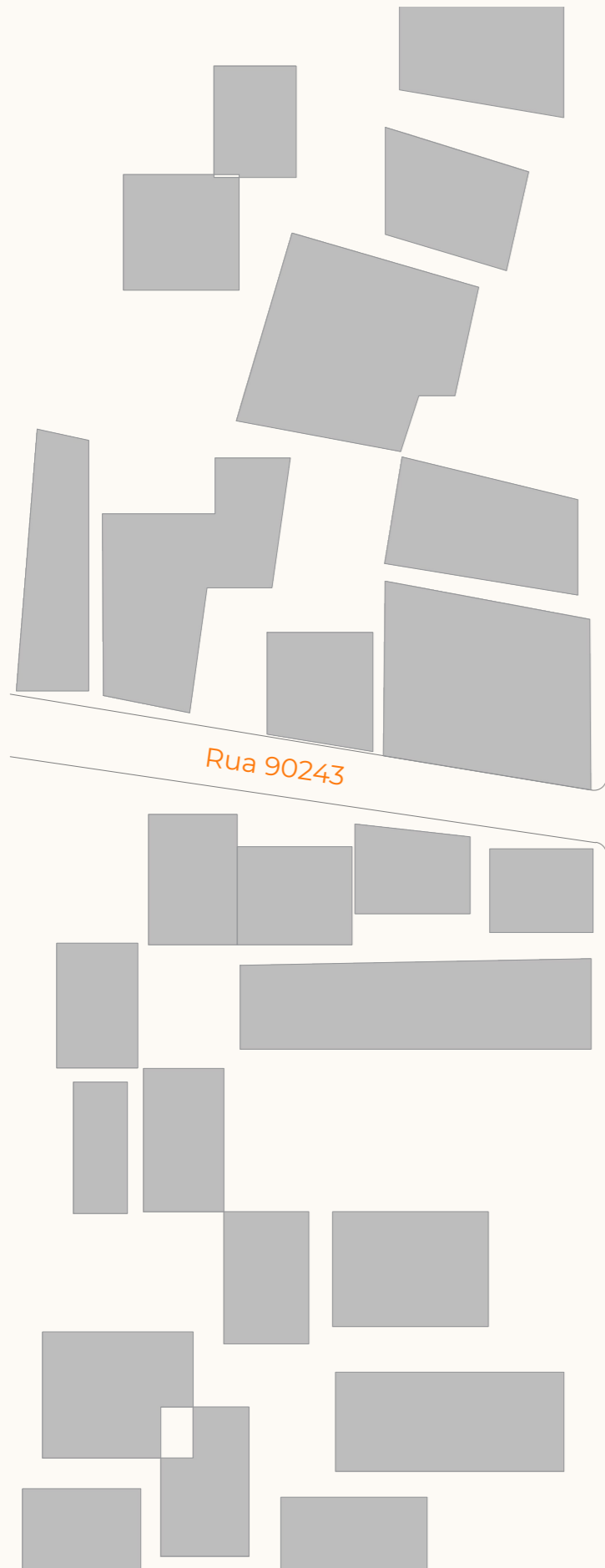
Cada bloco educacional corresponde a um núcleo da pedagogia da Ponte e é dividido em três turmas que podem atender até 20 estudantes cada. Esses foram dispostos em linha reta, próximos à extremidade do terreno com o objetivo de criar espaços de uso geral, semi-privativo e privativo para as turmas e ainda permitir um grande espaço livre em sua frente e fundos que funcionam como pátio da escola.

3 - Restaurante:

O restaurante conta com dois salões, um para a comunidade escolar e um de uso público, ele foi estrategicamente posicionado no fundo do terreno, garantindo que seus usuários transitem pelo parque - ou escola - para acessá-lo. Dessa forma, se garante um grande fluxo de pessoas nesse equipamento, aumentando as chances dos usuários se apropriarem do local.

4 - Parque

Unindo todos os elementos do projeto, localiza-se na extremidade oposta dos blocos educacionais e apresenta equipamentos de estar e lazer para uso da escola e da comunidade. Fica separado da escola por meio de cerca vazada que garante a permeabilidade visual desejada e também a privacidade necessária para o ambiente escolar.

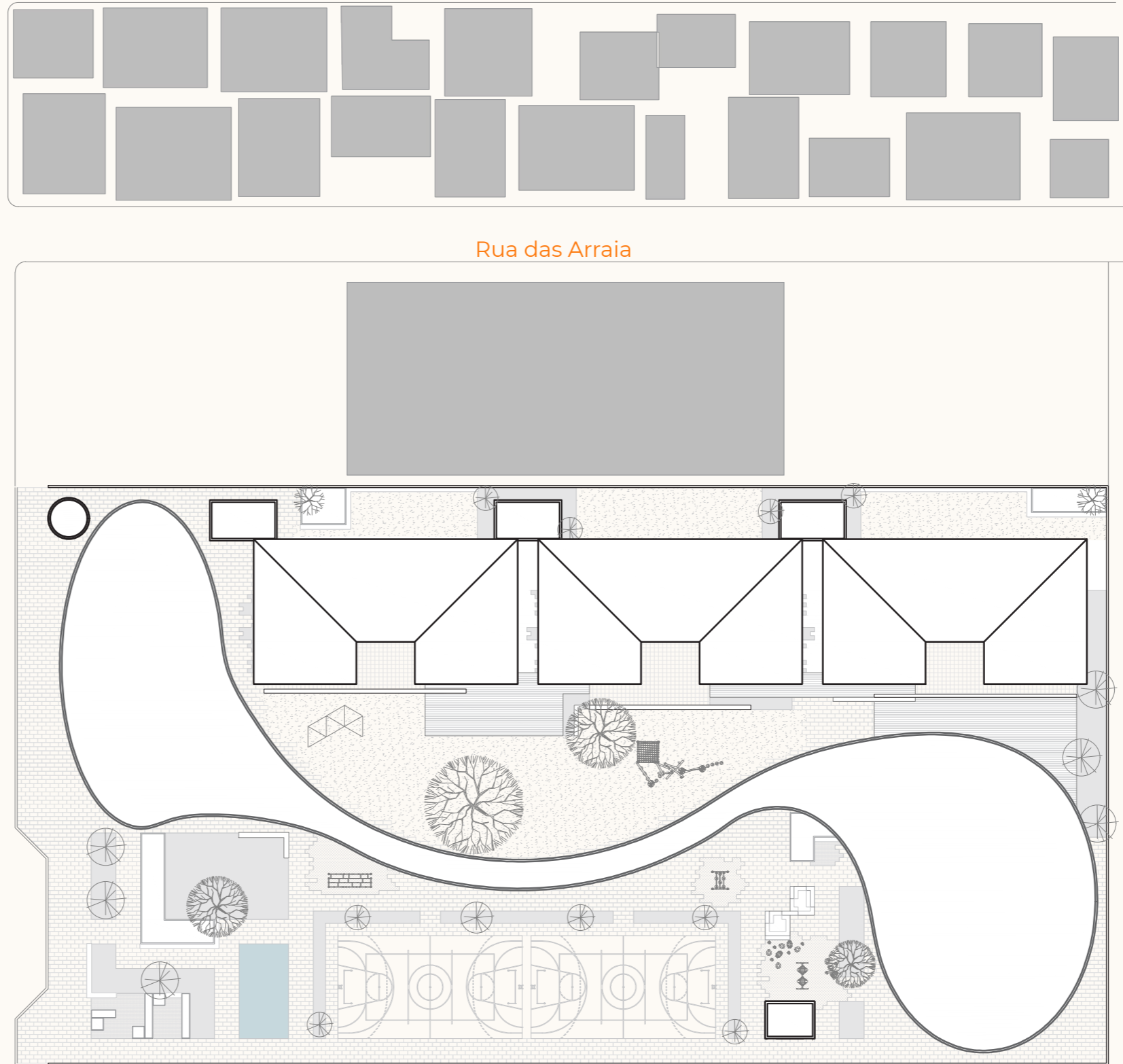


Rua Pascoal Mazzilli

Rua Pascoal Mazzilli

Rua das Garoupas

Rua das Arraia





bloco administrativo, biblioteca e acesso escola



blocos educacionais e pátio escola



acesso parque



restaurante e parque

Implantação

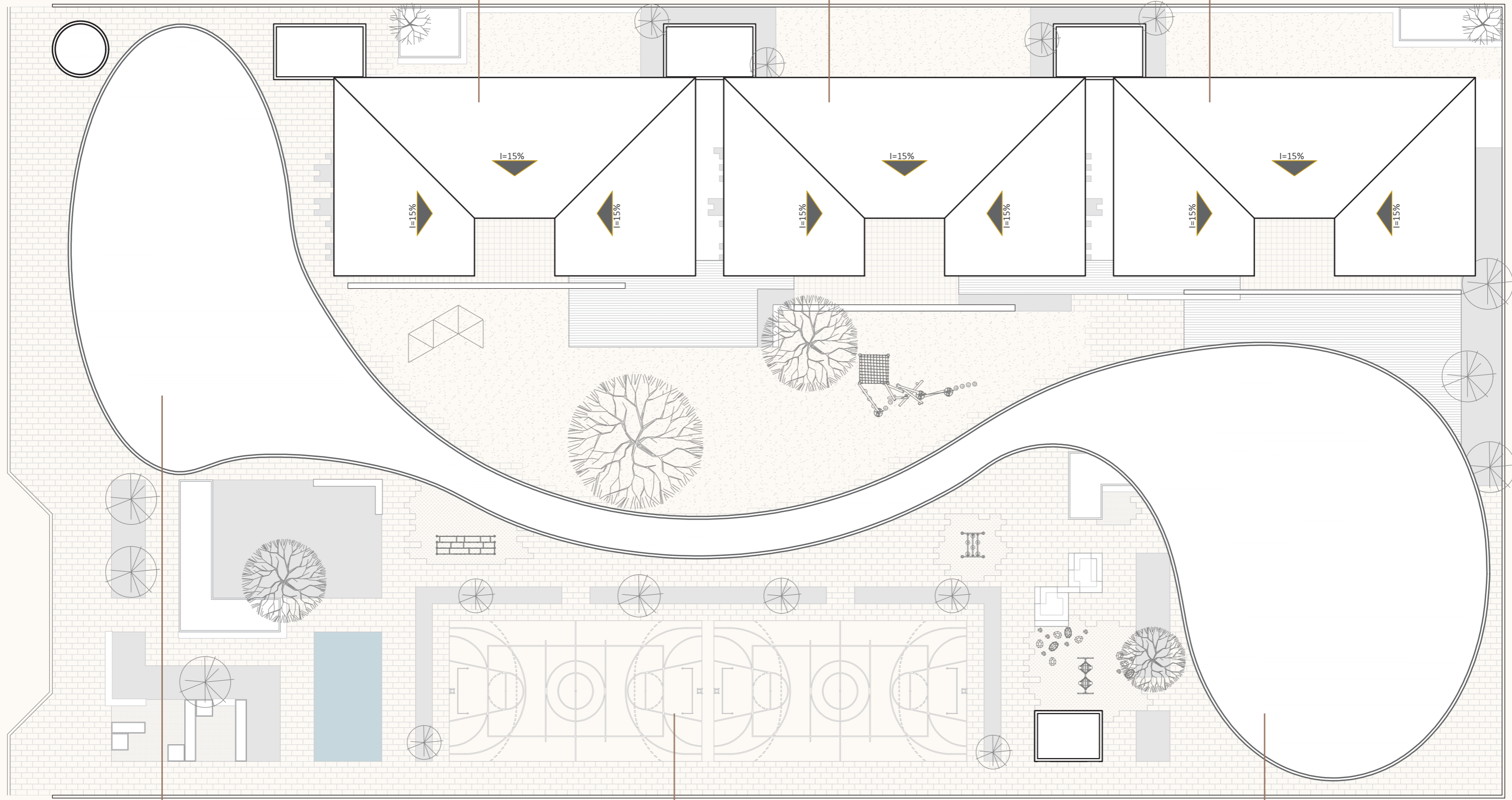


Rua Pascoal Mazzilli

bloco educacional:
iniciação

bloco educacional:
consolidação

bloco educacional:
aprofundamento



I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

I=15%

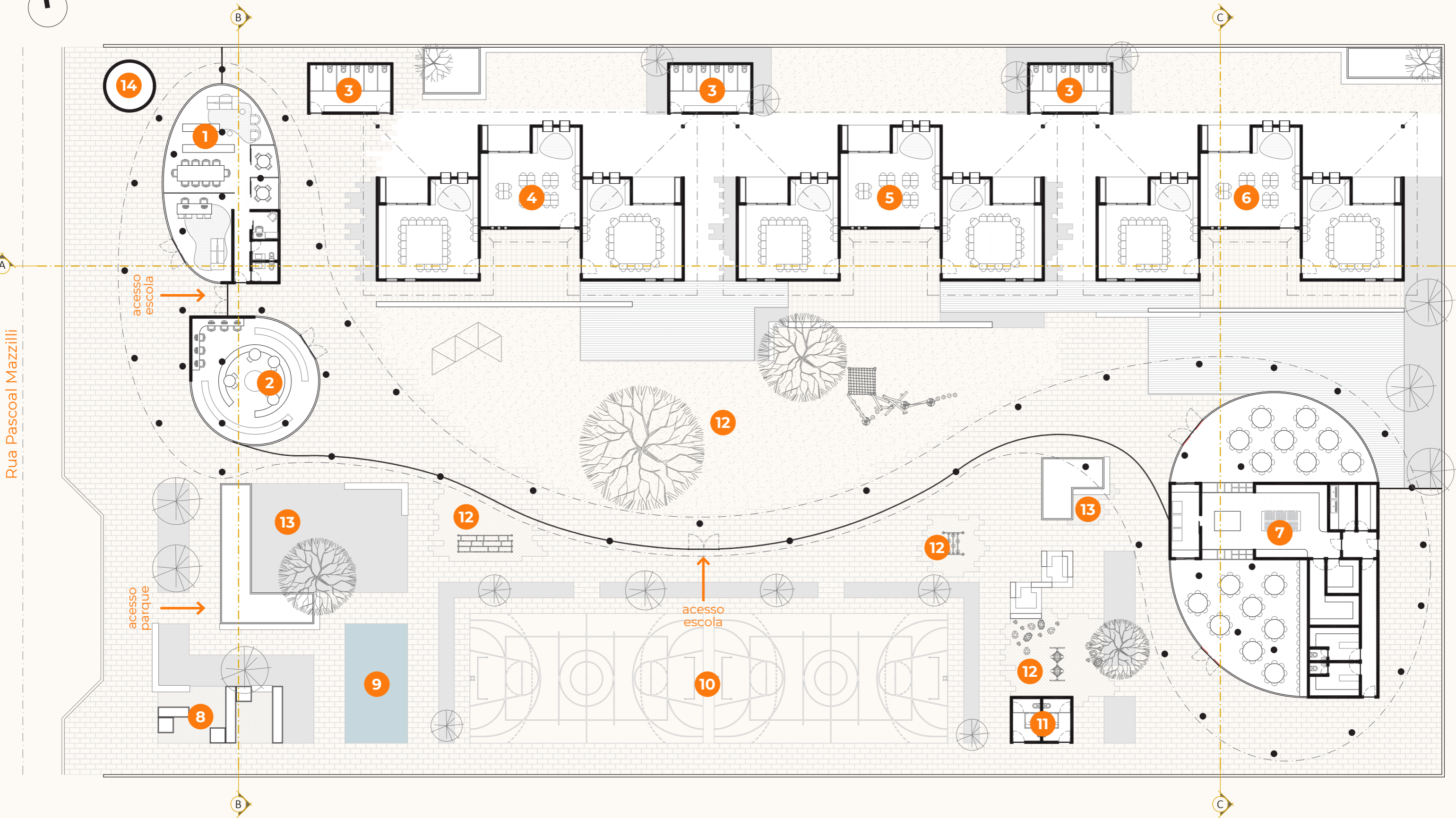
bloco administrativo
+ biblioteca

parque público

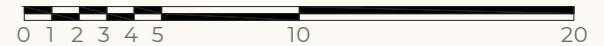
restaurante



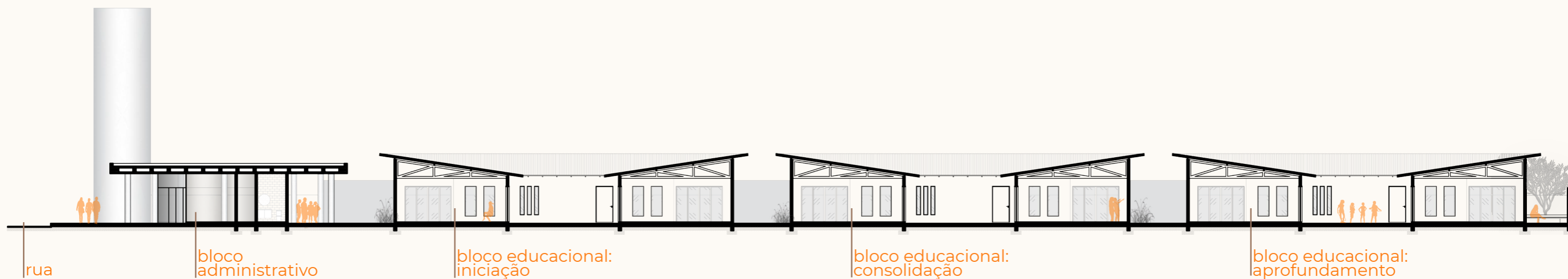
Planta baixa - geral



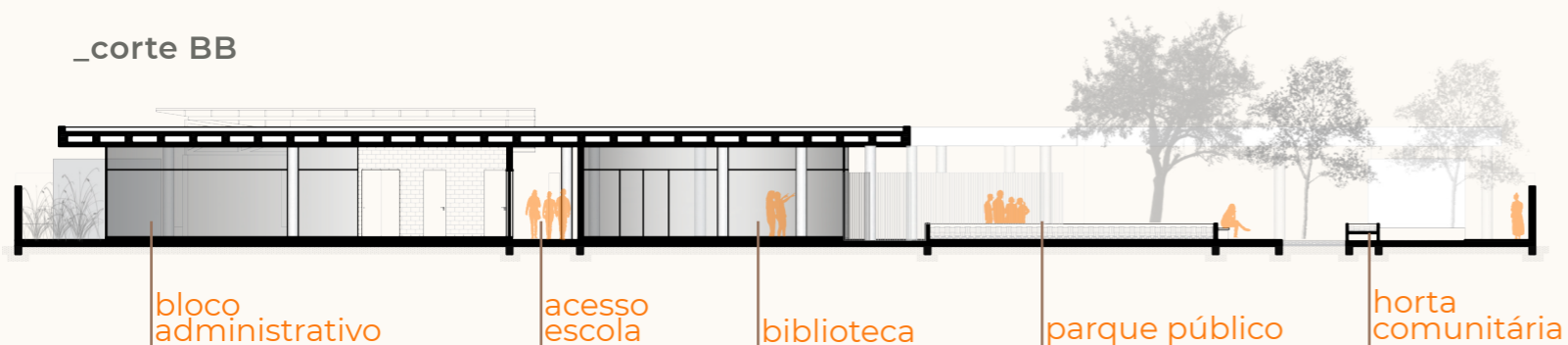
- 1 - Bloco administrativo - 119m²
- 2 - Biblioteca - 84m²
- 3 - Sanitários escola
- 4 - Bloco educacional - iniciação
- 5 - Bloco educacional - consolidação
- 6 - Bloco educacional - aprofundamento
- 7 - Restaurante - 330m²
- 8 - Horta comunitária
- 9 - Espelho D'água
- 10 - Quadras poliesportivas
- 11 - Banheiro parque
- 12 - Áreas de brincar
- 13 - Áreas de estar
- 14 - Castelo caixa d'água



_corte AA



_corte BB

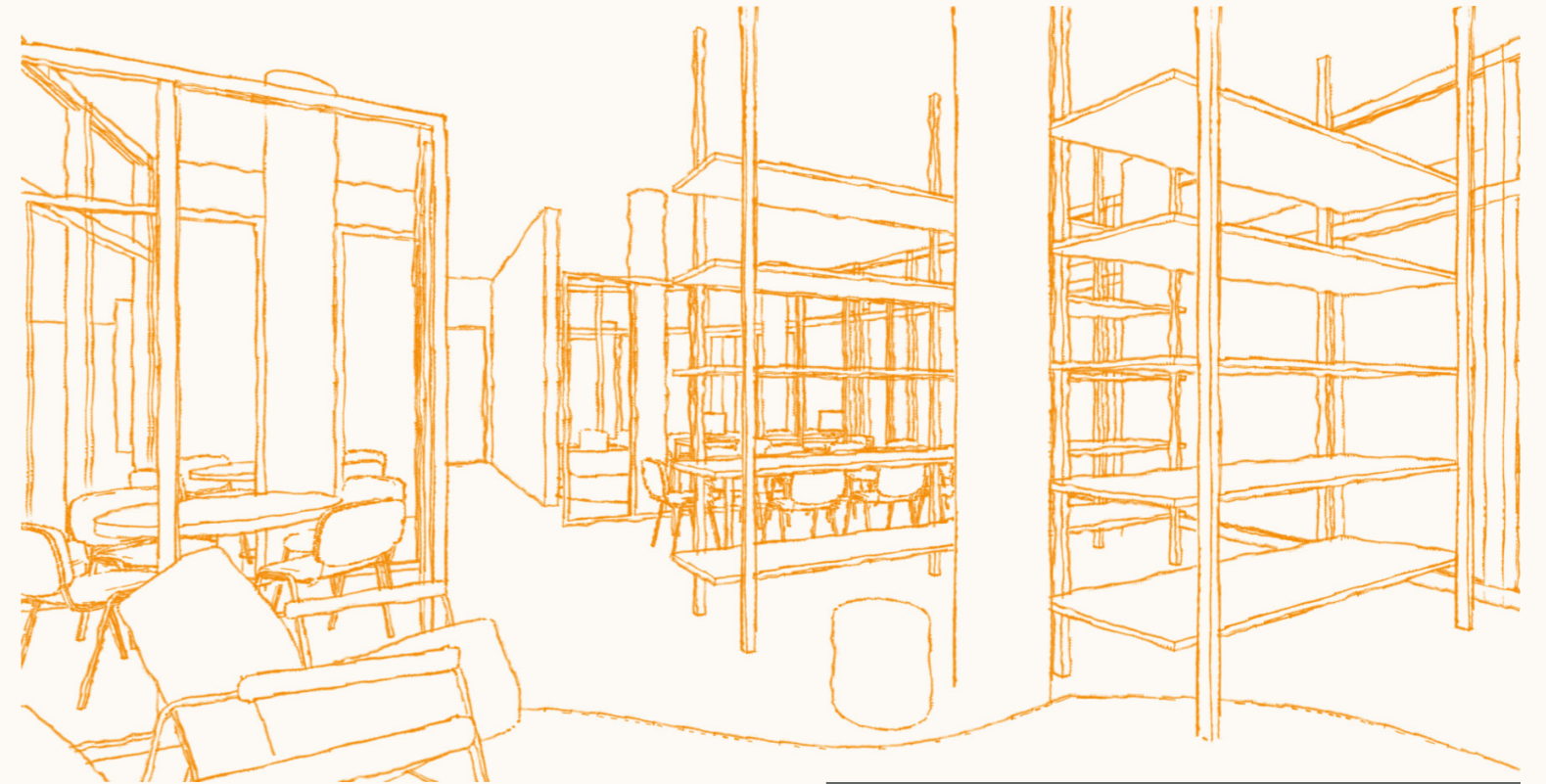


_corte CC

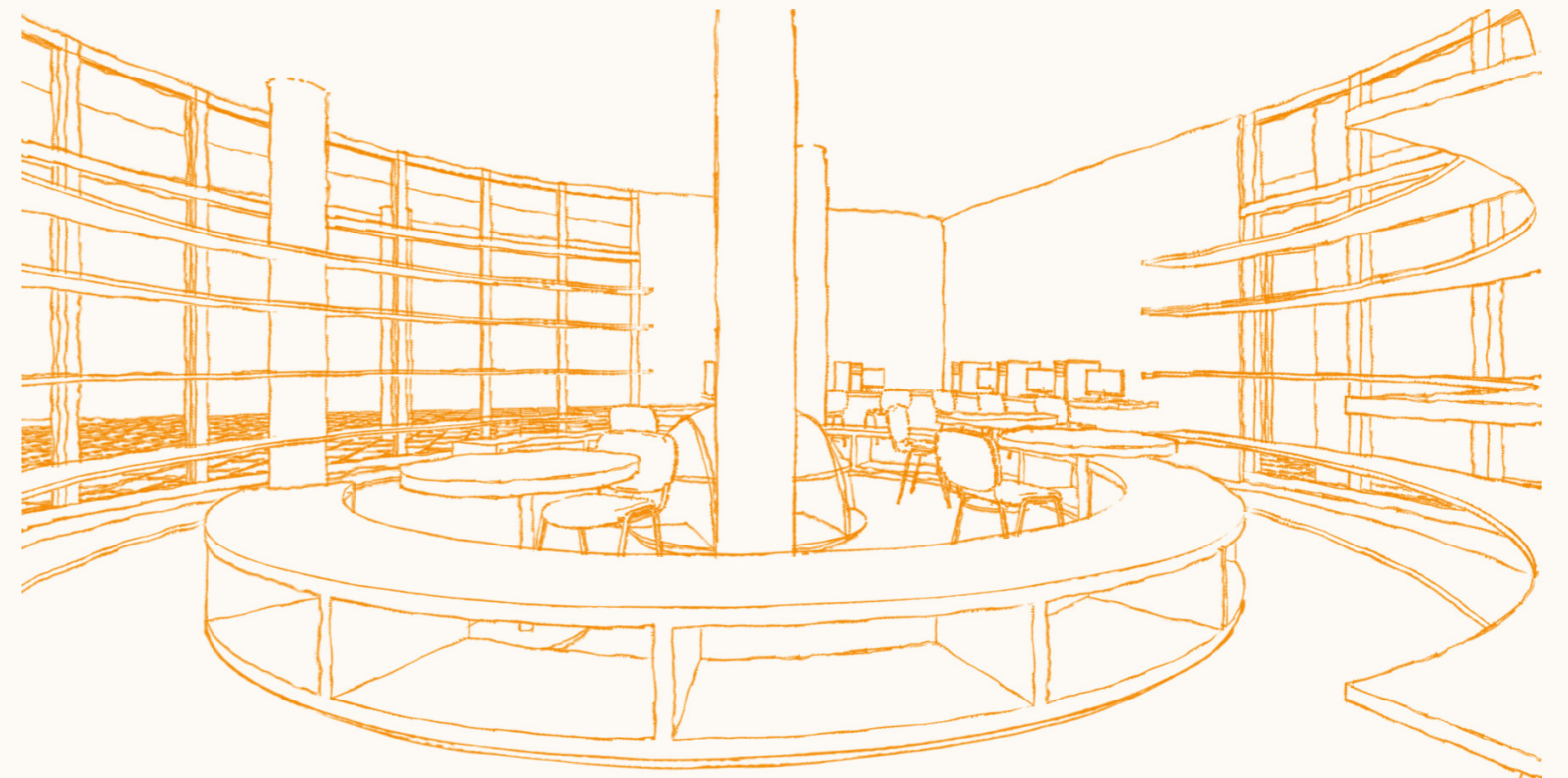


Bloco administrativo e biblioteca

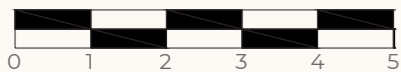
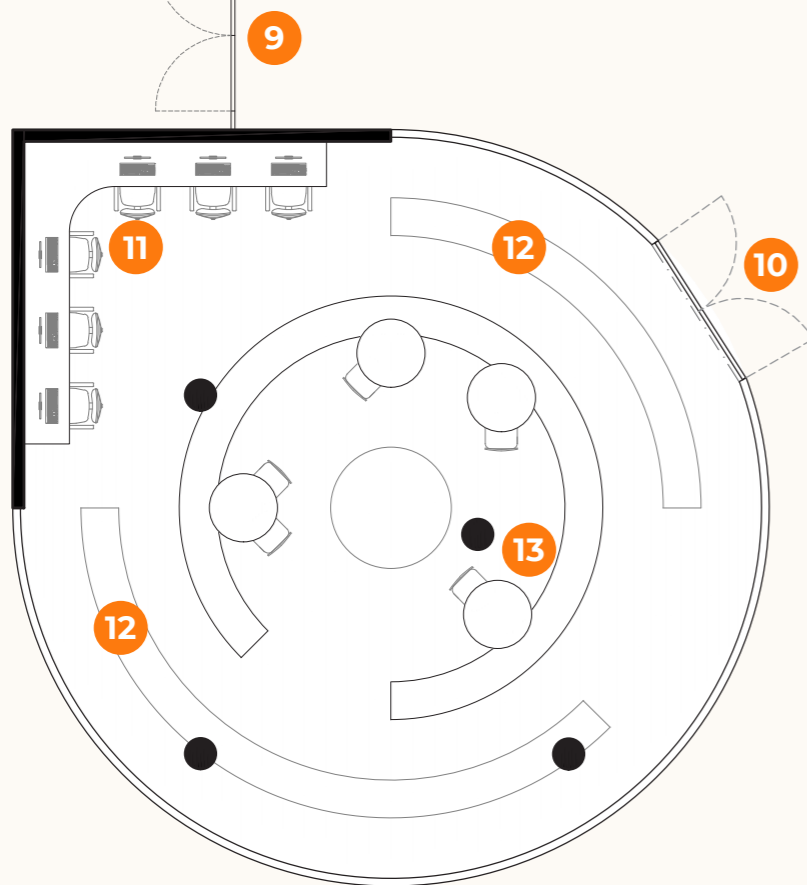
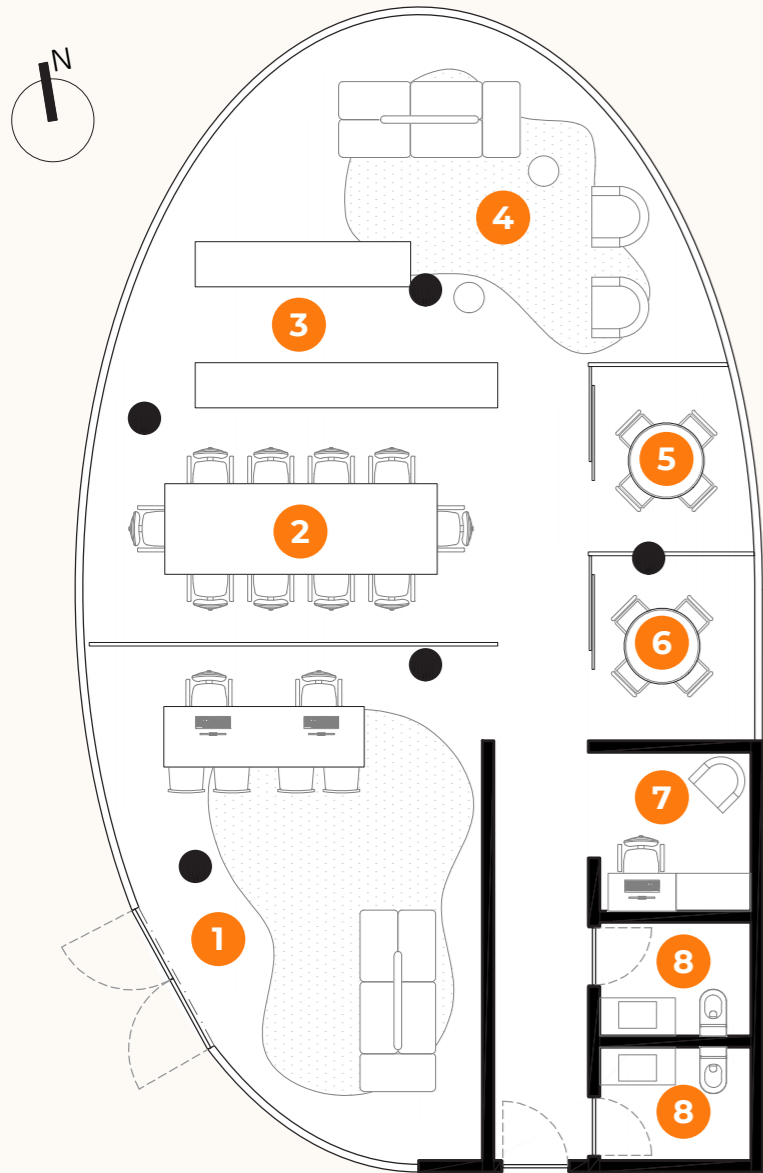
- 1 - Recepção
- 2 - Mesa para reuniões
- 3 - Armários/ Almojarifado
- 4 - Área de descompressão
- 5 - Diretoria
- 6 - Coordenação
- 7 - Enfermaria
- 8 - Sanitários
- 9 - Acesso para escola
- 10 - Acesso biblioteca
- 11 - Espaço de computadores
- 12 - Estantes para livros
- 13 - Área de estudos

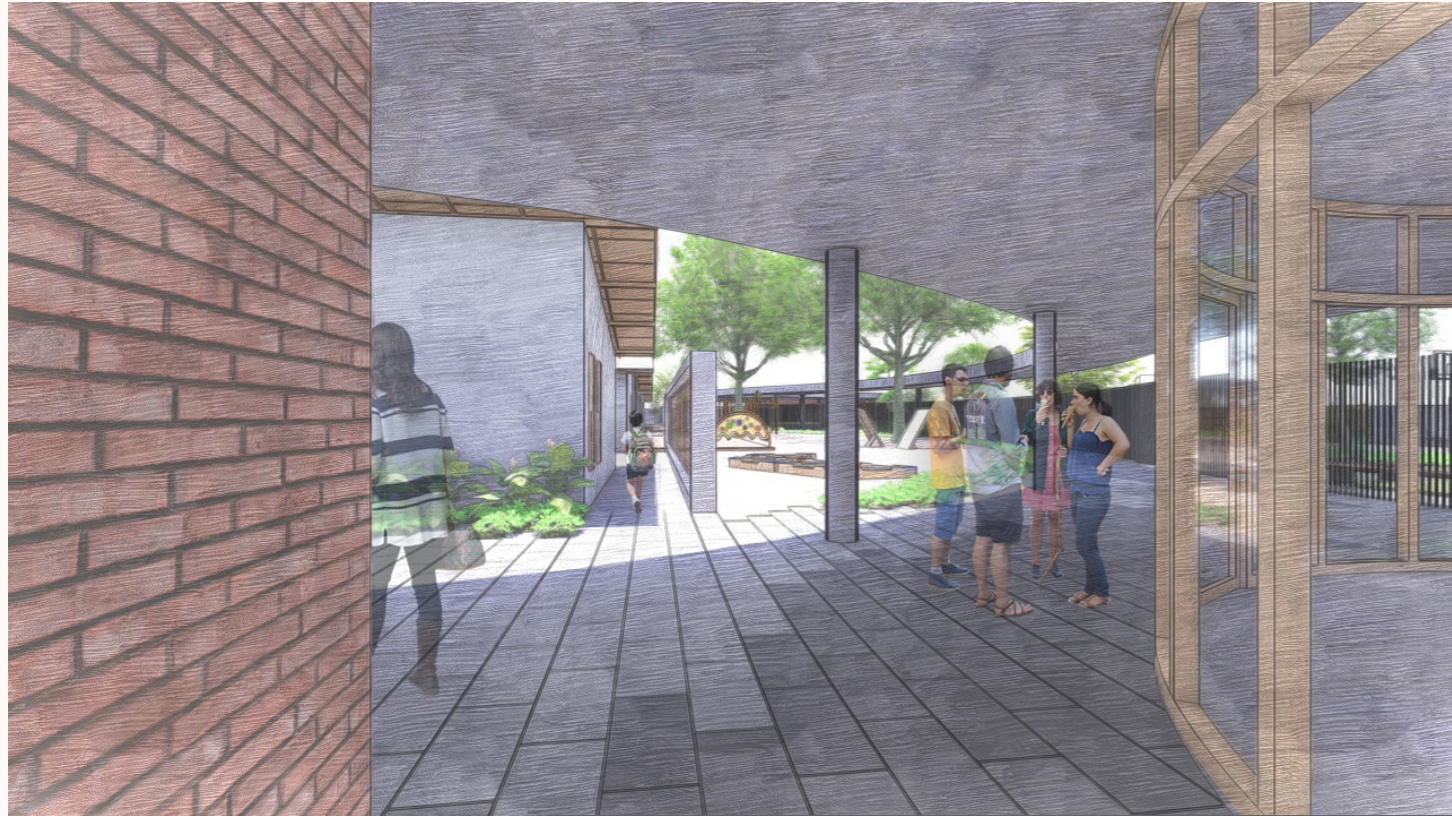


perspectiva interna bloco administrativo



perspectiva interna biblioteca





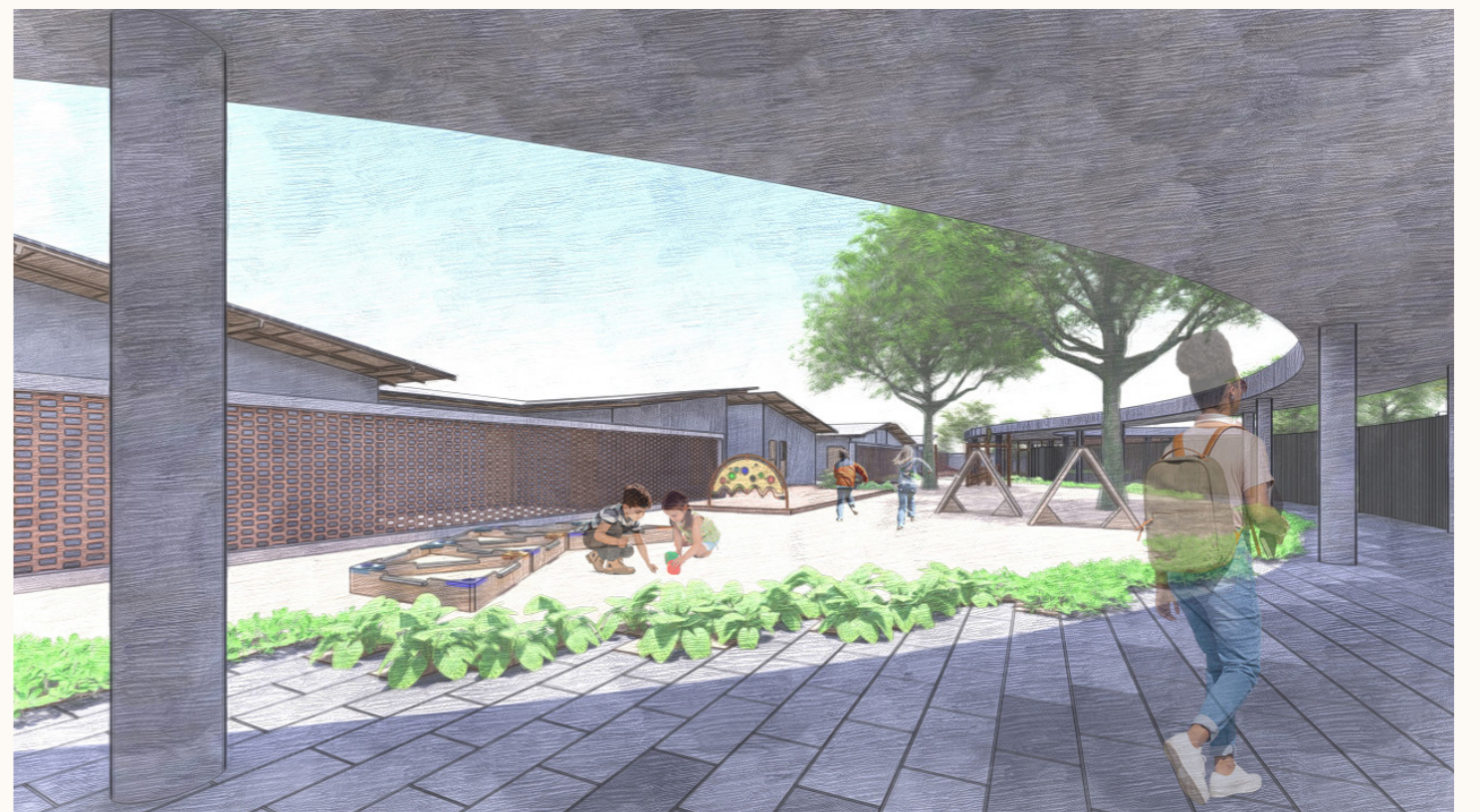
bloco administrativo, biblioteca e acesso escola



blocos educacionais e bloco administrativo



pátio coberto, biblioteca e bloco administrativo



pátio externo e cobertura

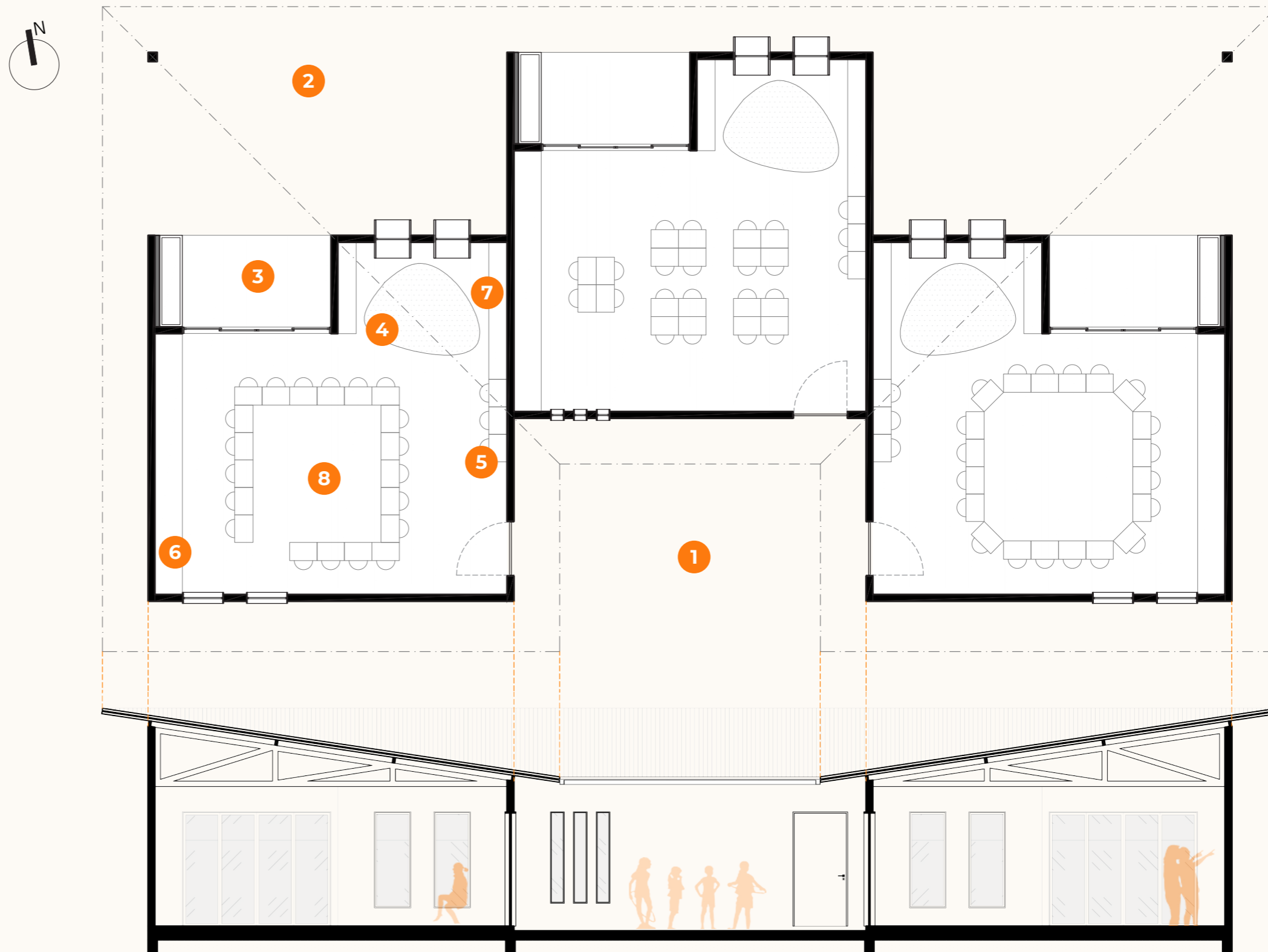
Blocos educacionais

Com planta aberta, assim como a Escola da Ponte, os três blocos educacionais apresentam a mesma disposição interna e estão organizados de forma que as três turmas de cada núcleo de educação possam relacionar-se de maneira mais privativa. Dessa forma, foi proposto um pátio central compartilhado entre elas, com piso drenante e anti-impacto, que pode receber atividades coletivas comuns entre as turmas.

Internamente as três salas de aula de cada bloco configuram-se da mesma maneira, com área livre que permite os mais diversos arranjos espaciais, muitas paredes onde os trabalhos e atividades realizadas podem ser fixadas, estantes para livros, copa para atividades que envolvam alimentos e espaço de estar e descanso, além de um grande tanque na varanda para limpeza das mãos e de materiais. As aberturas voltadas para o pátio frontal e traseiro permitem que a relação entre interior e exterior se mantenha fixa.

Por fim, o pátio traseiro é compartilhado entre todos os núcleos, é nele que se encontram os banheiros compartilhados. Com piso de areia, árvores frutíferas e um muro disponível para intervenções artísticas, esse pátio permite o desenvolvimento lúdico das crianças que o utilizam.

Com relação a escolha dos materiais, fez-se o uso de tijolos solocimento rebocados e pintados, estrutura de madeira para suporte do telhado e telhas metálicas com isolamento termo-acústico e forro com placas de pinus.



- 1 - Pátio central
- 2 - Pátio traseiro
- 3 - Varanda com tanque

- 4 - Área de estar e descanso
- 5 - Área de estudos individuais
- 6 - Mini copa e armários

- 7 - Estantes para livros
- 8 - Diferentes organizações internas



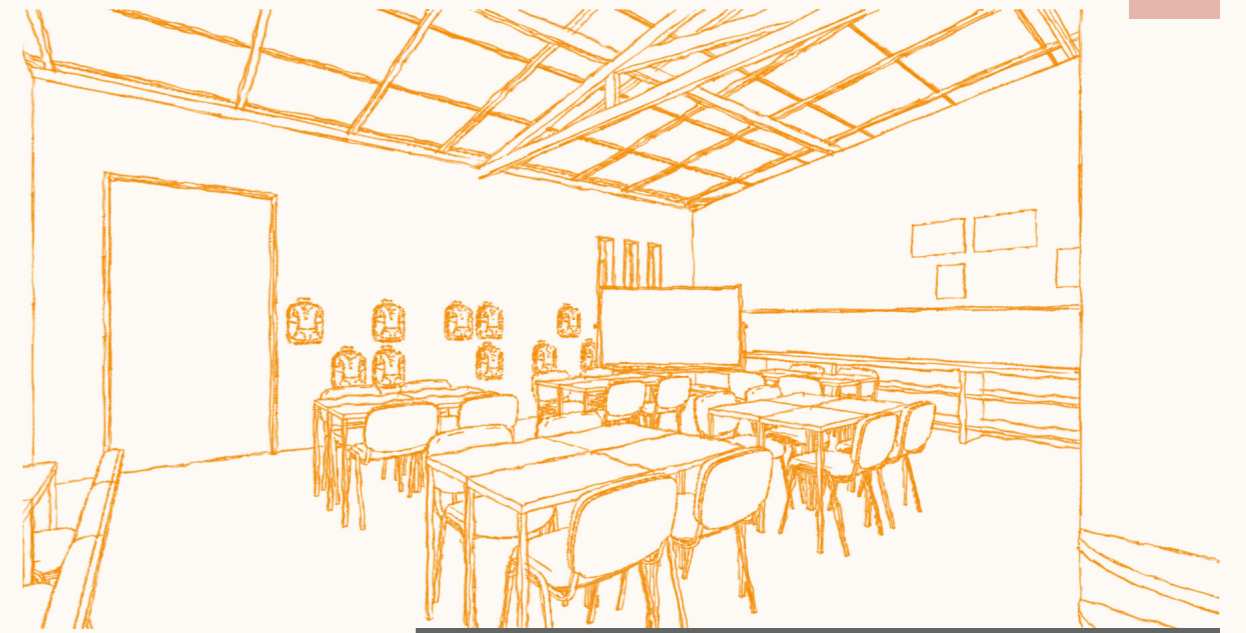
Blocos educacionais



perspectiva pátio traseiro blocos educacionais



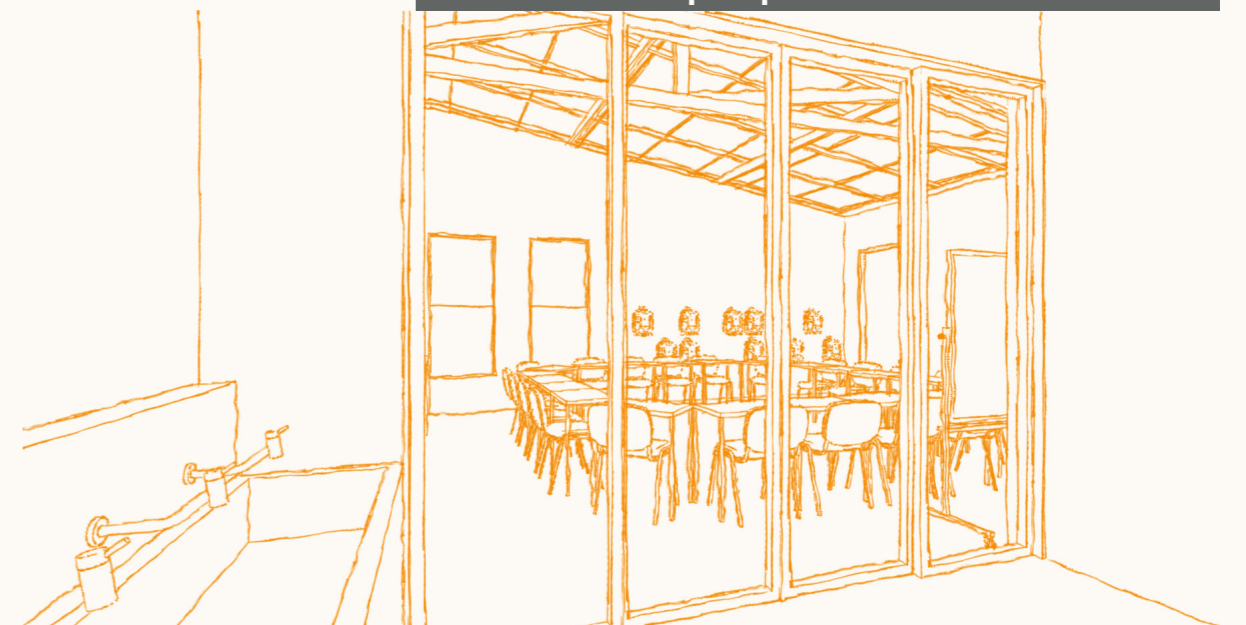
perspectiva frontal blocos educacionais



perspectiva interna sala de aula



perspectiva interna sala de aula



perspectiva da varanda para a sala de aula



bloco educacional e banheiro



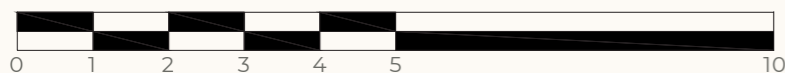
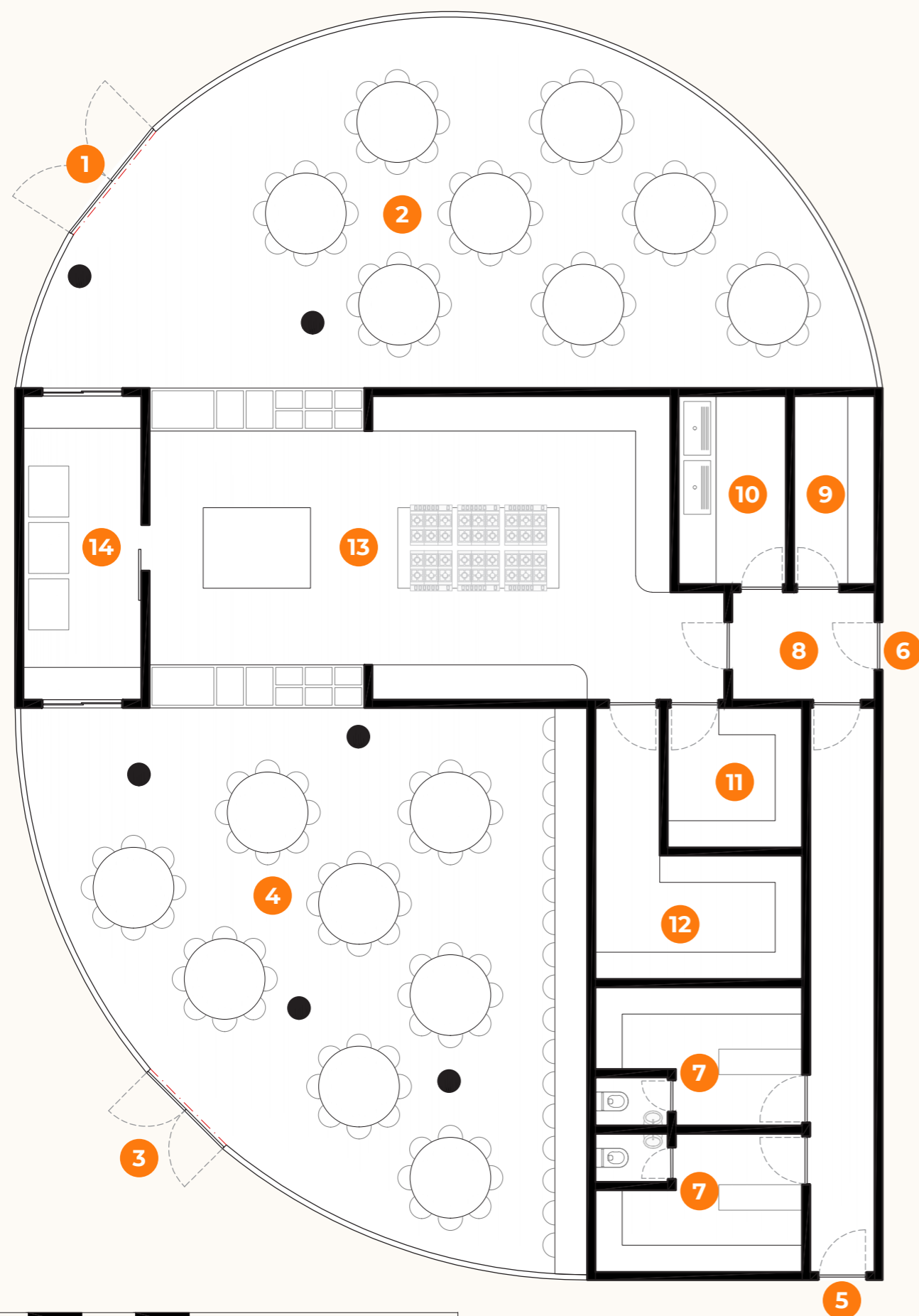
pátio traseiro blocos educacionais



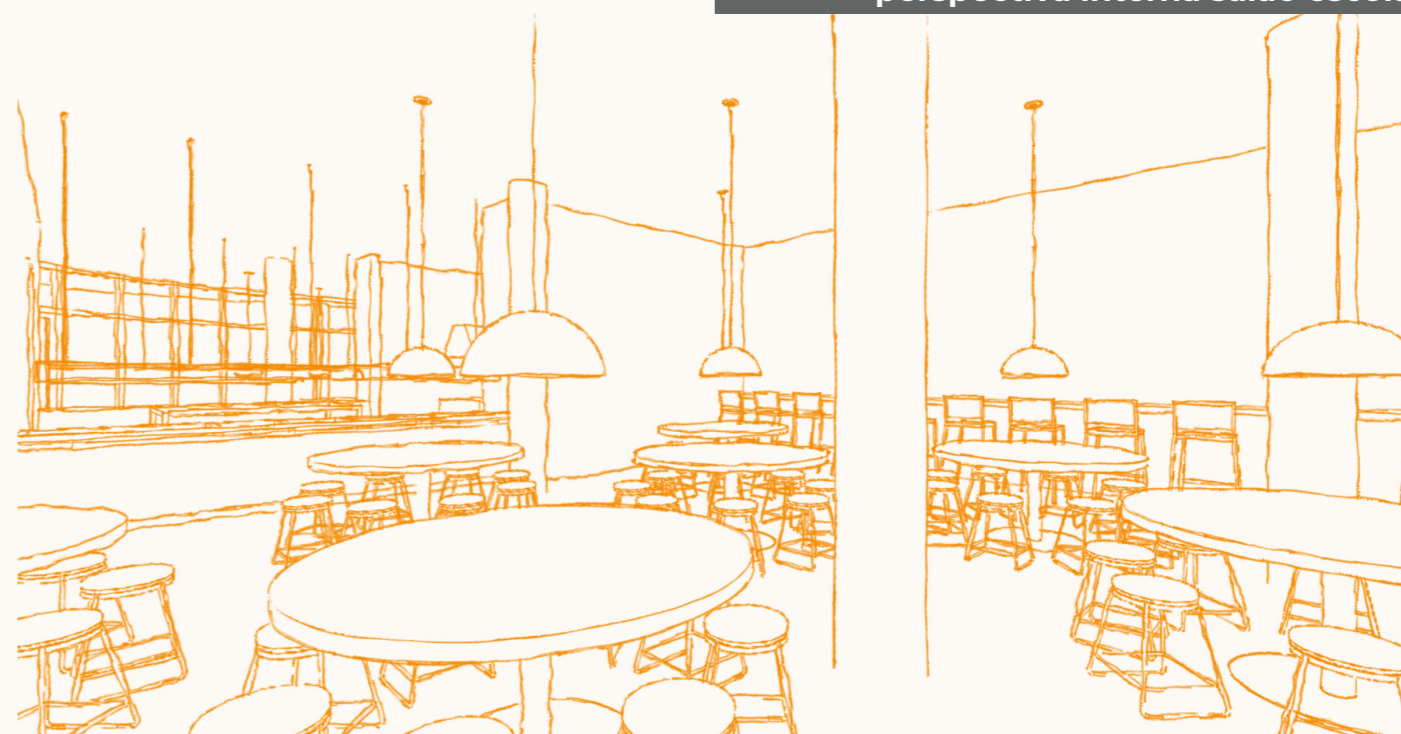
saída escola para o parque



acesso lateral escola



perspectiva interna salão escola



perspectiva interna salão público

- | | | |
|---|----------------------------|--------------------|
| 1 - Acesso escola | 6 - Acesso insumos | 11 - Despensa seca |
| 2 - Salão escola - 85,70m ² | 7 - Vestiários/ Sanitários | 12 - Despensa fria |
| 3 - Acesso público | 8 - Circulação | 13 - Cozinha |
| 4 - Salão público - 89,10m ² | 9 - DML | 14 - Lavação |
| 5 - Acesso funcionários | 10 - Tanques higienização | |



acesso restaurante - salão escola



vista do restaurante para os blocos educacionais e pátio escola



parque e restaurante



acesso restaurante - salão público

O parque

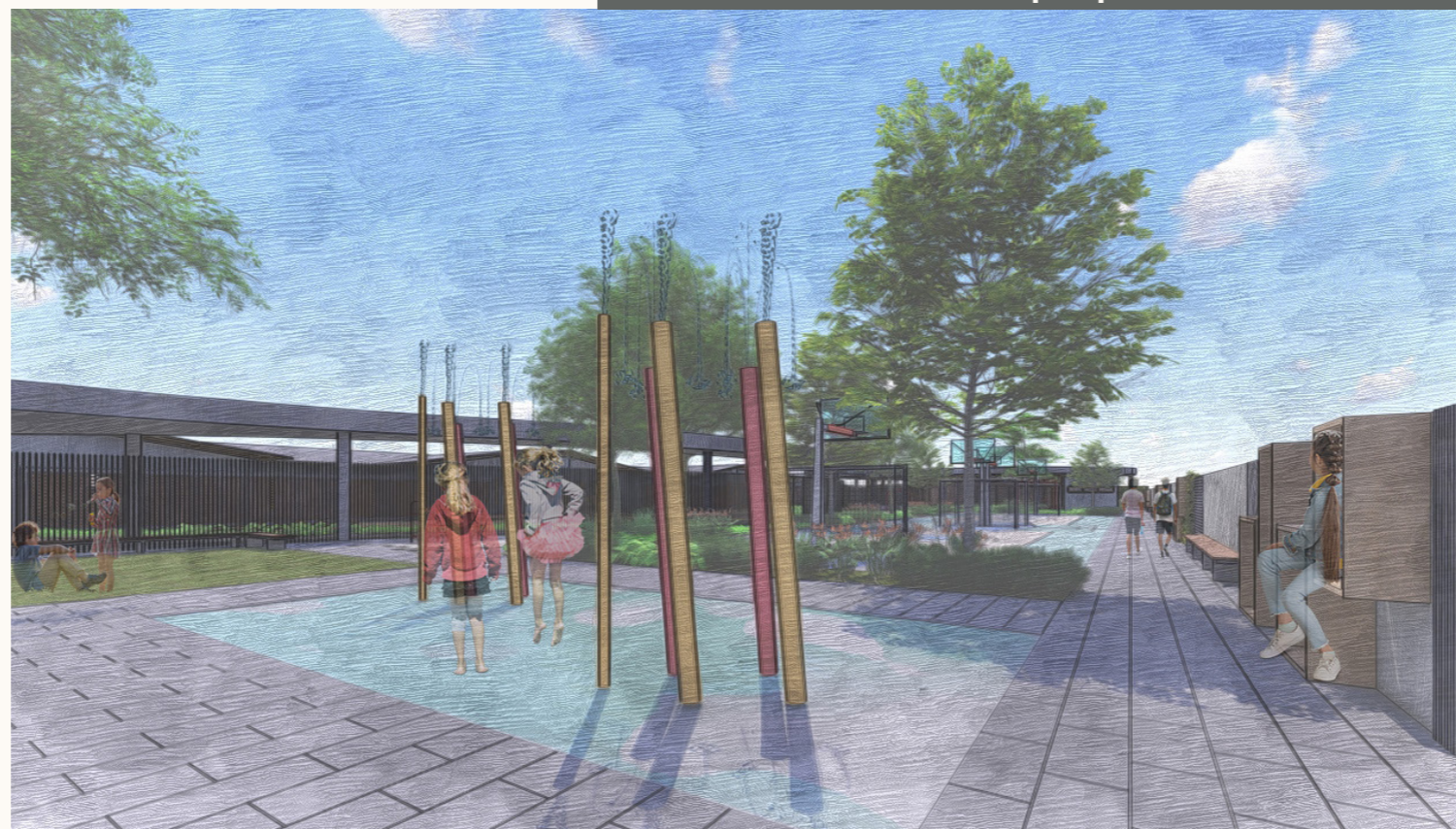
Inicialmente o parque foi pensado para ser uma grande área verde, que atualmente é escassa na comunidade Frei Damião. Com o decorrer do processo de projeto e com a necessidade de se criar espaços onde os moradores pudessem se sentir pertencentes ao local, esse parque passou a abrigar áreas de estar, lazer e brincar, onde todos, independente da idade, possam aproveitar o espaço ao máximo.

Modulados a partir do piso de basalto, que segue também para dentro da escola, os espaços criam caminhos com atividades ao longo de todo parque, que convergem para as quadras poliesportivas posicionadas no centro dele, as quais podem ser utilizadas tanto pela escola quanto pela comunidade.

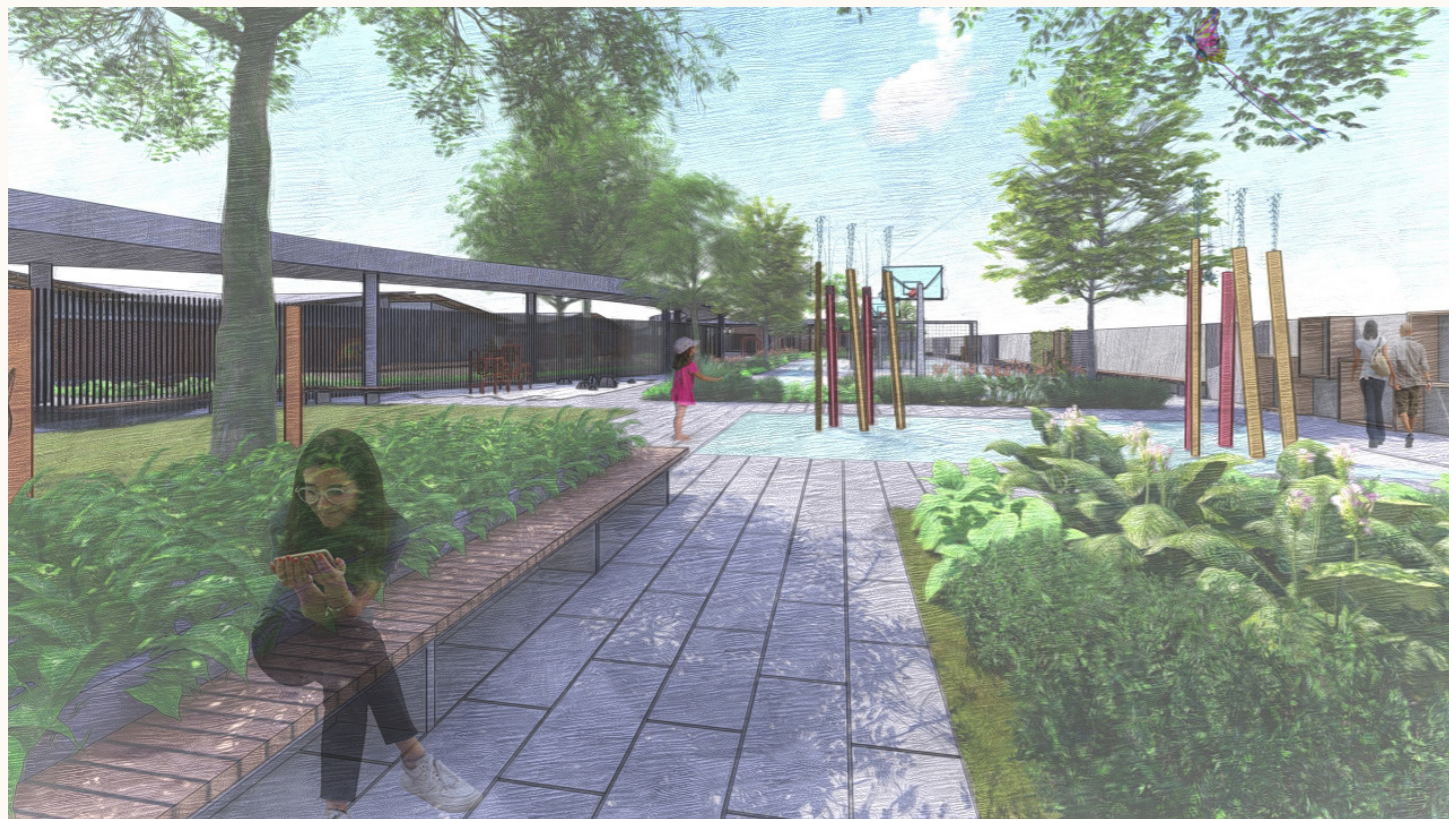
Junto ao muro lateral do terreno foi mantido um caminho livre de obstáculos por onde os insumos do restaurante poderão ser entregues. Apesar da necessidade de se ter esse espaço livre em momentos de carga e descarga de mercadorias, algumas intervenções foram projetadas nesse muro a fim de quebrar com a linearidade e garantir espaços de estar, principalmente na lateral das quadras.



acesso parque e horta comunitária



espelho d'água e intervenções muro



acesso parque e espelho d'água



quadras poliesportivas e espaços de brincar



acesso parque e redário



quadras poliesportivas e intervenções muro

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **A Crise na Educação**. In: ARENDT, Hannah. *Between Past and Future Six Exercises in Political Thought*. Nova Iorque: Viking Press, 1961. p. 173-196. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf. Acesso em: 07 jul. 2021.

BECKER LINS, ARTHUR EDUARDO. **RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS, METRÓPOLE E PERIFERIA: A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL NA COMUNIDADE FREI DAMIÃO, EM PALHOÇA, SANTA CATARINA**. *Oculum Ensaio*, vol. 14, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 81-98 Pontifícia Universidade Católica de Campinas Campinas, Brasil

COELHO, Renata Anselmo Mafra. **The factors contributing to the occurrence of distortion age / year in the initial years of fundamental education of the Frei Damião basic school, in the Municipality of Palhoça/SC**. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA EN LA EDUCACIÓN, 3., 2018, Asunción. Simpósio. Asunción: Universidad Tecnológica Intercontinental, 2019. p. 1-25.

OLIVEIRA, Israel Montesuma. **A REGIÃO METROPOLITANA DE FLORIANÓPOLIS E A DINÂMICA DAS ÁREAS DE POBREZA: O CASO DA COMUNIDADE FREI DAMIÃO**. 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

Aprendendo a Aprender | Yvonne Bezerra de Mello | TEDxRioED. Rio de Janeiro: Tedx Talks, 2019. (15 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K__5PBtLrgM. Acesso em: 24 jan. 2022

BARCELLOS, Viviane Pereira. **VIOLÊNCIA URBANA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA: O CASO DO PROJETO UERÊ COMO UMA “INFLUÊNCIA POSITIVA”**. 2011. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 21 mar. 2022

CORRÊA, Alana da Silva. **Frei Damião habitação e direito à cidade**. 2015. 120 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ALVES, Rubem. **A Escola com que sempre sonhei Sem imaginar que Pudesse Existir**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2004. 80 p.

SILVA, Carlos Manique da; RIBEIRO, Cláudia Pinto. A apropriação do espaço escolar pelo projeto pedagógico: o caso da escola da ponte (portugal). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-18, 3 set. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201844183443>.

PACHECO, José. “NÃO É ACEITÁVEL UM MODELO EDUCACIONAL EM QUE ALUNOS DO SÉCULO XXI SÃO ‘ENSINADOS’ POR PROFESSORES DO SÉCULO XX, COM PRÁTICAS DO SÉCULO XIX”. [Entrevista concedida a Sara Dias Oliveira. *Notícias Magazine*, Abril, 2017. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=node/28497>. Acesso em: 30 abr. 2022

Individualidade, respeito e autonomia: como funciona a Escola da Ponte em Portugal. 2019. Disponível em: <http://aliancapelainfancia.org.br/inspiracoes/individualidade-respeito-e-autonomia-como-funciona-a-escola-da-ponte-em-portugal/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

Lista de figuras

FIGURA 01

Acervo próprio

FIGURA 02

<https://escolasdisruptivas.com.br/escolas-do-seculo-xxi/por-que-o-modelo-de-educacao-tradicional-esta-com-os-dias-contados/>

FIGURA 03

<https://www.sinait.org.br/site/noticia-view?id=19086%2F12+de+junhobrasil+cada+vez+mais+distante+da+meta+de+erradicar+trabalho+infantil>

FIGURA 04

<https://ideiasradicais.com.br/inconstitucionalidade-guerra-as-drogas/>

FIGURA 05

<https://nos.insightnet.com.br/o-anjo-da-guarda-da-criancada-da-mare/>

FIGURA 06

Mapa de localização - produção própria/ Imagem retirada do Google Earth

FIGURA 07

<https://medium.com/@HoraSC/frei-dami%C3%A3o-um-retrato-da-comunidade-mais-carente-da-grande-florian%C3%B3polis-56692c7faca2>

FIGURA 08

Imagem retirada do instagram @projetodorcaspalhoca

FIGURA 09

Imagem retirada do instagram @projetodorcaspalhoca

FIGURA 10

Imagem retirada do instagram @projetodorcaspalhoca

FIGURA 11

Mapa de localização - produção própria/ Imagem retirada do Google Earth